

Tipologia de adjectivos e construções predicativas com *ser* e *estar* em Português Europeu

Luís Filipe Cunha, Idalina Ferreira
Centro de Linguística da Universidade do Porto

O objectivo central do presente trabalho será o de investigar as correspondências entre as possibilidades de ocorrência de *ser* e de *estar* e os diferentes tipos de predicadores adjectivais que se podem combinar com estes verbos em construções predicativas. Para tal, começaremos por apresentar uma tipologia de adjectivos baseada em propostas como as de Demonte (1999); seguidamente, procuraremos fornecer um tratamento semântico adequado para a distinção entre *ser* e *estar* no contexto de estruturas predicativas; voltaremos, depois, a nossa atenção para as restrições que os diferentes tipos de adjectivos impõem à comparência de *ser* e de *estar*. Por fim, analisaremos o comportamento dos Participios Passados neste género de configurações.

1. Tipologia de Adjectivos

Demonte (1999) propõe a divisão dos Adjectivos em três classes fundamentais: os Adjectivos Qualificativos, os Relacionais e os Adverbiais. As duas primeiras classes caracterizam-se pelo facto de poderem atribuir propriedades aos Nomes, particularidade que os últimos não possuem. No entanto, Qualificativos e Relacionais apresentam diferenças muito significativas entre si. Vejamos algumas das mais relevantes.

No que aos Adjectivos Qualificativos diz respeito, Demonte sugere que esta classe é constituída por elementos que expressam uma única propriedade do Nome que modificam, ou seja, referem-se a um dado atributo facilmente isolável do indivíduo a que se aplicam. Assim, por exemplo, num sintagma como “pianista famoso”, o Adjectivo refere-se a um único traço caracterizador do Nome. Em “decisão ministerial”, por outro lado, o Adjectivo expressa um conjunto de propriedades que definem o Nome do qual provém (i.e., propriedades relativas a “ministro”) e que, de certa forma, o ligam ao Nome que modifica (no nosso exemplo “decisão”) – trata-se, neste caso, de um Adjectivo Relacional.

Mas outras diferenças existem entre as duas classes em causa, nomeadamente algumas de carácter sintáctico, que irão ter repercussões no domínio semântico: (i) os Quali-

cativos podem sempre ser usados predicativamente ao passo que os Relacionais, na maior parte dos casos, não se mostram compatíveis com este tipo de configurações (cf. (1)); (ii) enquanto os Qualificativos revelam a capacidade de entrar em esquemas de comparação e de poder ser modificados por advérbios de grau, os Relacionais não suportam tais contextos de ocorrência (cf. (2) e (3)); (iii) por fim, importa salientar que os Qualificativos podem ser termos de correlações de polaridade e os Relacionais não (cf. (4)).

- (1) a. criança simpática / A criança é simpática.
 b. perdão fiscal / * O perdão é fiscal.
- (2) a. Esta criança é tão simpática como aquela.
 b. * Este perdão é tão fiscal como aquele.
- (3) a. Uma criança muito simpática.
 b. * Um perdão muito fiscal.
- (4) a. Esta criança é simpática e aquela é antipática.
 b. Este perdão é fiscal e aquele é *???

No que diz respeito aos Adjectivos Adverbiais, adoptaremos aqui a tipologia proposta por Mateus *et al.* (2003, 377/378), baseada em Demonte (1999): Adjectivos Modificadores do Significado ou Intensão dos Nomes (“mero”); Adjectivos Negativos e Conjecturais (“falso”, “presumível”); Adjectivos Modais (“possível”, “provável”); Adjectivos Temporais/Aspectuais (“frequente”, “súbito”). Verificamos que tanto os Modais quanto os Temporais/Aspectuais ostentam o comportamento típico dos Qualificativos, diferindo destes apenas no facto de se assumirem como modificadores de eventos, podendo ser transformados em advérbios de modo, no caso de a expressão em que ocorrem se converter em oração. Assim, “uma vitória possível” poderia ser transformada em “vencerá possivelmente” ou “uma dor frequente” em “dói frequentemente”. Os Temporais/Aspectuais modificam a estrutura interna temporal e os valores dos Nomes e podem assumir funções de adjuntos (modo, tempo, lugar, etc.).

A classificação que acabámos de apresentar foi organizada com base na “significação intrínseca” dos Adjectivos. Acontece, porém, que em Demonte (1999) também se procede a uma distinção entre Adjectivos de acordo com as relações semânticas que estes podem estabelecer com os nomes com que se combinam, a saber:

- Adjectivos restritivos e não restritivos;
- Adjectivos não-intersectivos, subsectivos ou relativos e intersectivos ou absolutos (que correspondem aos graduáveis vs. não graduáveis);
- Adjectivos que expressam qualidades individuais ou qualidades de estádio.

No presente trabalho, a nossa atenção incidirá sobretudo nesta última divisão, na medida em que ela terá um forte impacto no que respeita à selecção de *ser* ou de *estar* nas diversas configurações em que figuram predicadores adjectivais.

Em princípio, os Adjectivos Qualificativos, os Modais e os Temporais/Aspectuais ocorrem em construções predicativas, devendo, por isso, expressar qualidades individuais

e/ou de “estádio”; os Relacionais raramente se constituem como predicados e, quando isso acontece, descrevem propriedades estáveis e só se combinam com *ser*; os Modificadores do significado ou intensão e os Negativos e Conjecturais nunca aparecem em estruturas predicativas: por consequência, não revelam a capacidade de veicular qualidades estáveis. Retomaremos algumas destas observações na secção 3.

Segue-se uma proposta de análise de estruturas envolvendo *ser* e *estar* na qual daremos conta de predicadores adjectivais que impõem restrições à selecção destes verbos e que, por conseguinte, irá pôr em causa as concepções tradicionalmente adoptadas para as configurações em questão, baseadas principalmente na oposição “permanente” vs. “temporário”.

2. *Ser* vs. *Estar*: uma proposta de análise

Frases como as presentes em (5) atestam que a selecção de *ser* ou de *estar*, no contexto das predicções adjectivais, não é propriamente indiferente:

- (5) a. A Maria não está bonita; ela é bonita.
 b. Esta casa não é fria, mas hoje está muito fria.
 c. O João é português.
 d. * O João está português.
 e. * A Rita é grávida.
 f. A Rita está grávida.

Tradicionalmente, as divergências, ao nível do significado, que se podem surpreender entre *ser* e *estar* são identificadas com oposições do género de inerente vs. transitório ou de permanente vs. temporário. Os casos ilustrados pelas frases de (6), no entanto, colocam sérias reservas a uma tal concepção:

- (6) a. O João está morto.
 b. A Maria é muito jovem.

Tipicamente, o estado de coisas em (6a), que envolve *estar*, parece ser bem mais “permanente” (ou menos “transitório”) do que o de (6b), que incorpora *ser*. Torna-se, por isso, necessário rever os termos da distinção entre estes dois tipos de estruturas, de maneira a acomodar melhor os exemplos que acabámos de observar.

Uma proposta de solução para tão complexa questão é-nos apresentada em Mateus *et al.* (1989), 5.4.1, com base na investigação levada a cabo por Carlson (1977) e aprofundada por Chierchia (1995) e Kratzer (1995). Segundo a concepção em apreço, a construção *ser* + *Adj.* daria conta de propriedades de indivíduos (i.e., caracterizaria directamente as entidades a que se aplica), enquanto *estar* + *Adj.* veicularia propriedades de manifestações temporalmente limitadas de indivíduos (ou seja, descreveria apenas propriedades de “porções” ou de “períodos” de alguma forma associados às entidades envolvidas).

Uma tal distinção manifesta-se, em línguas como o Português, por divergências muito significativas ao nível do comportamento semântico das configurações que a realizam.

Assim, os predicados de indivíduo, na medida em que dão conta da “totalidade” da(s) entidade(s) que descreve(m), são inteiramente incompatíveis com adverbiais de localização temporal (cf. (7a)) e com adverbiais pontuais (cf. (7b)), revelando-se igualmente impossível a sua quantificação por meio de expressões do género de *sempre que* (cf. (7c)). Pelo contrário, os predicados de “estádio”, na medida em que descrevem “porções” delimitadas de indivíduos, podem ser perfeitamente localizados por meio de adverbiais temporais (cf. (8a,b)), aceitando, igualmente, sem problemas, elementos indutores de quantificação (cf. (8c)).

- (7) a. * O meu sofá foi grande no sábado.
 b. * O meu sofá foi/era grande às cinco da tarde.
 c. * Sempre que o meu sofá é grande, convido o meu pai a sentar-se nele.
- (8) a. O meu sofá esteve sujo no sábado.
 b. O meu sofá esteve/estava sujo às cinco da tarde.
 c. Sempre que o meu sofá está sujo, limpo-o com o tira-nódoas.

Uma proposta como esta não está, contudo, isenta de dificuldades. Observe-se, por exemplo, o comportamento de frases como as de (9) em que uma estrutura adjectival com *ser* ostenta propriedades semânticas típicas dos predicados de “estádio”:

- (9) a. O meu cão foi agressivo no sábado.
 b. O meu cão foi agressivo às cinco da tarde.
 c. Sempre que o meu cão é agressivo, prendo-o na casota.

Serão exemplos como estes susceptíveis de invalidar por completo a proposta que temos vindo a adoptar? Em nossa opinião a resposta será negativa, se tivermos em conta a distinção, avançada em Cunha (1998), entre estados “faseáveis” e “não faseáveis”.

Em termos muito gerais, diremos que os estados “faseáveis” são aqueles que, de alguma forma, reúnem as condições necessárias para se converterem em eventos, podendo, nesse sentido, comparecer com operadores que apontam inequivocamente para a presença, ao nível da situação em causa, de uma constituição fásica subjacente, como o Progressivo ou *começar a* (cf. (10a,b)); pelo contrário, os estados “não faseáveis” mantêm em qualquer circunstância a sua natureza estativa inalterada, ocasionando anomalia semântica com operadores aspectuais que remetam para alterações no interior da estruturação interna de uma eventualidade (cf. (10c,d)).

- (10) a. O meu cão está a ser agressivo.
 b. O Miguel começou a ser preguiçoso.
 c. * A mesa está a ser quadrada.
 d. * A Rita começou a ser Portuguesa.

Ora, tendo em conta que os estados de tipo “faseável” se podem converter em processos e que todos os eventos, por natureza, se assumem como predicados de “estádio”, na medida em que neles apenas se encontram envolvidos “períodos” delimitados das entida-

des a que se aplicam, não surpreende que os estados de indivíduo de cariz “faseável”, quando previamente convertidos em eventos, possam manifestar comportamentos idênticos aos que caracterizam os estados de “estádio”.

Uma tal abordagem permite-nos, pois, manter válida a hipótese inicial de que *ser* + Adj. e *estar* + Adj. diferem essencialmente em termos dos tipos de predicado que representam: no primeiro caso encontramos-nos perante predicados (básicos) de indivíduo, enquanto no segundo são descritos predicados de “estádio”. Esta assunção, em articulação com a postulação da existência de estados “faseáveis” e “não faseáveis”, revela-se capaz de acomodar tanto as divergências semânticas que intuitivamente observamos entre frases do género de “A Maria é simpática” e “A Maria está simpática” como os comportamentos linguísticos a elas associados.

Factores como os que se prendem com o nosso conhecimento do mundo podem também influir na selecção e interpretação das frases integrando *ser* ou *estar* + Adj., como os exemplos seguintes ilustram:

- (11) a. O semáforo #é/está verde.
 b. A bandeira do Sporting é/#está verde.
 c. As melancias são/estão verdes.

Vai ser a **perspectiva** que cada sujeito falante quer imprimir à situação, conjugada com a sua natureza intrínseca (e não a sua duração concreta), que aqui estará em causa. Ou seja, enquanto a oposição permanente vs. transitório se baseia na simples “duração” dos estados e a dicotomia incrível vs. acessório apenas nos atributos das entidades implicadas, a nova proposta por nós adiantada focaliza sobretudo uma interacção complexa e dinâmica entre perspectivação “subjectiva” e propriedades típicas dos predicadores envolvidos. Com este tipo de tratamento, poderemos dar conta dos seguintes factos: se é verdade que “A Maria é bonita”, isso significa que a proposição expressa por “A Maria está bonita” terá de ser necessariamente verdadeira em diversas ocasiões (i.e., para que uma dada propriedade possa ser atribuída a um indivíduo, é necessário que caracterize (no mínimo) pelo menos algumas das suas manifestações temporalmente limitadas); porém, para que “A Maria está bonita” seja uma frase verdadeira, não é necessário que a verdade da sua equivalente com *ser* esteja implicada (i.e., para que a atribuição de uma propriedade a uma manifestação temporalmente limitada de um indivíduo possa acontecer, não é obrigatório que uma tal propriedade seja atribuída directamente à entidade em questão).

A natureza semântica e as propriedades dos predicadores adjectivais vão desempenhar um papel fundamental no que respeita às possibilidades combinatórias e interpretativas das configurações com *ser* e *estar*. Vejamos em que medida.

3. O impacto dos predicadores adjectivais na selecção de *Ser* e de *Estar*

Tomando em consideração tudo o que ficou dito atrás, observemos mais atentamente o comportamento de algumas construções com predicadores adjectivais de vários tipos com relação à selecção de *ser* e de *estar*.

Na secção 1, vimos que os Adjectivos se podem dividir em várias classes, de acordo com as suas propriedades semânticas intrínsecas. Seria então de esperar que os Adjectivos de cada tipo pudessem ocorrer da mesma forma nas construções que temos vindo a analisar. Verifica-se, contudo, que existem algumas assimetrias relativamente a esta matéria.

Assim, os Qualificativos constituem uma classe bastante heterogénea, pois uns admitem a comparência apenas de *ser*, outros somente de *estar* e ainda outros surgem tanto com *ser* quanto com *estar*. Como exemplo destas irregularidades, apresentamos o caso dos Qualificativos que denotam atitudes e (pre)disposições humanas (cf. (12)) que, em princípio, por serem predicados “inerentes” ou de indivíduo, deveriam participar apenas em estruturas do tipo *ser* + Adj. e o que se constata é que aceitam, sob determinadas condições, *estar* + Adj. Porém “idóneo” (apenas um exemplo, entre alguns outros), um Adjectivo pertencente à mesma subclasse, não pode constituir-se predicado de *estar*, embora, conforme já foi dito, *estar* + Adj. dê conta de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de indivíduos, tal como em “A Maria está simpática” (cf. (14)).

É curioso verificar que estes Adjectivos, empregados em contextos intensionais, passam a ser utilizados apenas com *ser*. Comparem-se os exemplos (12) e (13):

- (12) O menino é medroso. / O menino está medroso.
 (13) O seu gesto é medroso. / * O seu gesto está medroso.
 (14) O presidente é idóneo. / * O presidente está idóneo.

Também em Adjectivos Qualificativos de “idade” como “jovem”, “velho”, “novo”, “moderno”, “arcaico” encontramos as propriedades típicas de predicados de estádio e de indivíduo (cf. (15)), mas “recente”, um Adjectivo de carácter semelhante, só se encontra em predicacões envolvendo *ser* (cf. (16)):

- (15) Este livro é velho. / Este livro está velho.
 (16) Esta publicação é recente. / * Esta publicação está recente.

Devido a esta característica, parece-nos que o predicador em (16) se aproxima dos Adjectivos que designámos em 1 como Adverbiais Temporais. Efectivamente, não é raro Adjectivos Qualificativos transformarem-se em Adverbiais admitindo nuns casos *ser*, noutros *ser* e *estar*, como mostram os exemplos abaixo:

- (17) A paragem foi brusca. / * A paragem esteve brusca. (adverbial temporal)
 (18) O debate foi duro. / O debate esteve duro. (adverbial de modo)

Exemplo idêntico de mudança de categoria verifica-se nos Qualificativos de dimensão. Adjectivos como “largo”, “curto”, “pequeno”, “grande”, em contextos apropriados, transformam-se em adverbiais e alteram as ocorrências nas predicacões:

- (19) A saia é curta. / A saia está curta.
 (20) O 1º período de aulas foi curto. / * O 1º período de aulas esteve curto.

Referimos acima a existência de Qualificativos que só se combinam com *estar*. Vejamos os exemplos seguintes:

- (21) O João está satisfeito. / * O João é satisfeito.
 (22) Ele está contente. / * Ele é contente.

Os Adjectivos em (21) e (22) encontram-se restringidos à ocorrência em configurações que remetem para estádios, isto é, dão conta de propriedades temporalmente limitadas e, em nenhuma circunstância, se convertem em predicados de indivíduo. Em (21), confrontamo-nos com um Particípio que só admite a predicação com *estar*; (22), no entanto, incorpora um Adjectivo de pleno direito que se confina à comparência no contexto de predicados de estádio, tal como alguns dos Particípios que abordaremos na secção 4. Daí que o seu comportamento seja, pelo menos até certo ponto, idêntico.

No que diz respeito aos Adjectivos Modais e Aspectuais, poderemos dizer que expressam preferencialmente qualidades de indivíduos, comparcendo, por isso, em construções com *ser* + Adj.:

- (23) A vitória é possível/provável. / ?A vitória está possível/? provável.
 (24) As visitas são frequentes. / * As visitas estão frequentes.

Os Adjectivos Modificadores do Significado ou Intensão dos Nomes e os Adjectivos Negativos e Conjecturais não ocorrem em estruturas predicativas. Por vezes, pode parecer que um Adjectivo pertencente a estas classes participa num predicado de indivíduo, mas a verdade é que, quando isso sucede, tal significa que o Adjectivo em questão mudou de categoria. O exemplo seguinte mostra que um Adjectivo Negativo (“falso”) passou a Qualificativo, com a necessária mudança de significado em estrutura predicativa. Vejamos: a expressão “falso médico”, com um Adjectivo Negativo, não dá lugar a qualquer tipo de configuração envolvendo *ser* ou *estar*. Nesta acepção, podemos compreender “falso” como alguém que não tem qualificação (para o cargo ou para a profissão). No entanto, em (25), como Qualificativo, o Adjectivo em questão já torna viável a presença de uma estrutura predicativa e o significado muda substancialmente: o indivíduo referenciado e modificado pelo Adjectivo pode ter qualificação para a profissão, a propriedade designada é outra: trata-se, neste caso, do seu “carácter moral”.

- (25) O médico é falso.

Tradicionalmente, os Adjectivos Relacionais são considerados não predicativos. Demonte (1999) prova, com argumentos sintácticos e semânticos, que, em alguns casos, os Adjectivos deste tipo se podem usar em construções predicativas. Os seus argumentos, que nos dispensamos aqui de repetir, asseguram que “mensal”, em “revista mensal”, “docente”, em “problema docente”, “política”, em “medida política” (são alguns exemplos que apresenta) podem ser predicados de orações copulativas. Já “docente” em “* A resposta é docente” torna a frase anómala. A permissão da comparência do Adjectivo em construções predicativas depende, pois, dos Nomes que são modificados, mais do que do

próprio Adjectivo em si. No entanto, Demonte chama a atenção para numerosos casos que não estão cobertos pela generalização que faz. Seguindo a sua proposta, consideramos que, em certos contextos, a predicação com Adjectivos Relacionais é possível. No entanto, estes só poderão ser usados predicativamente com *ser*. O primeiro par de exemplos que segue mostra o caso de um Adjectivo que, em contexto neutro, não pode ser usado em construções com *ser*, mas que, em situação contrastiva, já admite a ocorrência do verbo em questão; o exemplo (28) põe em evidência o facto de um Relacional não admitir *estar*.

(26) Reforma administrativa / * A reforma é administrativa.

(27) Esta reforma é administrativa, não é fiscal.

(28) * Esta reforma está administrativa, não está fiscal.

Sintetizando, podemos dizer que as possibilidades combinatórias dos Adjectivos são bastante díspares, sobretudo no que diz respeito aos Adjectivos Qualificativos e a certos Adverbiais, pois a comparência em construções com *ser* e/ou com *estar* mostra que estes Adjectivos se assumem ora como inerentes, ora como episódicos, ora como inerentes e episódicos simultaneamente. Os Relacionais afastam-se de todos os outros, na medida em que, quando usados predicativamente, as configurações em que se enquadram se revelam de natureza estável e, por isso, só admitem *ser*.

4. Construções predicativas com *Ser/Estar* + Particípio Passado

Também os Particípios Passados em posição predicativa parecem restringir, de forma bastante evidente, a ocorrência de *ser* ou de *estar* nas configurações em que participam. Na realidade, as possibilidades combinatórias de tais elementos com *ser* ou *estar* encontram-se, até certo ponto, na dependência directa de algumas das propriedades aspectuais que caracterizam as eventualidades básicas de que derivam. Procuraremos, em seguida, dar conta de alguns destes condicionalismos, argumentando em favor da ideia de que os Particípios Passados irão ter uma influência decisiva na composição final das construções em que se apresentam.

Em primeiro lugar, importa referir que, sendo o suporte de um estado consequente ou resultativo, a construção *estar* + Particípio Passado se aplica apenas a predicções básicas de tipo télico (i.e., a processos culminados e a culminações). Isto significa, em última instância, que os estados de indivíduo estão, à partida, excluídos da comparência em tal configuração (cf. (29)).

(29) a. * A Maria está amada.

b. * As férias estão desejadas.

c. * Os lobos estão temidos.

Dados como estes permitem-nos concluir que Particípios Passados obtidos a partir de estados de indivíduo básicos não podem comparecer em estruturas predicativas que remetam directamente para predicados de “estádio”.

Pelo contrário, os Particípios em questão parecem poder combinar-se com o verbo *ser*, embora, nestes casos, não seja fácil saber se estamos perante uma estrutura puramente predicativa ou face a uma construção de natureza passiva, dado que, em termos práticos, ambas configuram uma realidade semântica muito próxima, i.e., dão conta de estados de indivíduo (cf. (30))¹.

- (30) a. Os lobos são temidos.
 b. O aumento dos salários é desejado.
 c. O chocolate suíço é muito apreciado.

Os Particípios Passados com origem em processos culminados e em culminações (ou seja, em predicados de “estádio”), por seu lado, ocorrem, sem problemas, com *estar* (cf. (31)), ocasionando, no entanto, anomalia semântica quando combinados com o verbo *ser* (cf. (32)):

- (31) a. A Maria está vestida.
 b. Os vidros estão partidos.
 c. A cidade está destruída.
 (32) a. * A Maria é vestida.
 b. * Os vidros são partidos.
 c. * A cidade é destruída.²

Assim, sugeriremos que os Particípios Passados com origem em predicados básicos de “estádio” apenas poderão ocorrer com o verbo *estar*, que, como tivemos ocasião de verificar, é inteiramente compatível com a propriedade em causa, produzindo, todavia, anomalia semântica com *ser*, que, como já referimos, dá conta somente de predicados de indivíduo.

Um tal facto parece reforçar a ideia inicial de que as propriedades aspectuais ostentadas pelos Particípios Passados influem decisivamente nas suas possibilidades combinatórias com *ser* ou *estar*: Particípios Passados com origem em predicados de indivíduo somente se poderão combinar com *ser*, ao passo que Particípios Passados obtidos com base em predicados de “estádio” preferem manifestamente a forma *estar*.

¹ Assumiremos aqui que as construções passivas preservam a grande maioria das propriedades aspectuais das predicções básicas que lhes dão origem. Para uma breve discussão do problema, cf. nota 3.

² Os presentes exemplos referem-se unicamente a uma leitura predicativa deste tipo de estruturas. Ignoraremos, naturalmente, a possibilidade de interpretação passiva para estas frases na medida em que, como já mencionámos anteriormente, a referida configuração preserva a generalidade das propriedades aspectuais das predicções básicas a que se aplica. Contrastem-se os seguintes exemplos, em que as possibilidades combinatórias dos adverbiais temporais são bastante reveladoras a esse respeito:

- (i) A casa foi construída em dois anos/!/? durante dois anos/* às duas horas.
 (ii) O polícia foi assassinado * em duas horas/* durante duas horas/às duas horas.

As evidentes divergências no que se refere à aceitabilidade dos adverbiais temporais patenteadas em (i) e (ii) deixam bem claro que as construções passivas se mantêm sensíveis às diferenças aspectuais manifestadas pelos predicados básicos que lhes dão origem (no caso em apreço entre processos culminados, cf. (i), e culminações, cf. (ii)).

Uma tal assunção enfrenta, no entanto, alguns problemas importantes. Em particular, parecem existir Particípios Passados de eventos que tanto podem surgir com *estar* quanto com *ser*. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (33) a. A Maria está casada.
 b. As paredes do meu quarto estão pintadas.
 (34) a. A Maria é casada.
 b. As paredes do meu quarto são pintadas.

A questão que imediatamente se coloca é a seguinte: o que explica a divergência de comportamentos entre os Particípios Passados em (32) e (34)? Ou, dito de uma outra forma, o que levará certos Particípios Passados de eventos a aceitar a combinação com *ser*, enquanto outros se mostram totalmente inaceitáveis em idêntico contexto de ocorrência?

Parece-nos evidente que as predicções que estão na base dos Particípios de (34) são inegavelmente eventivas, não diferindo, neste ponto, das que originam os Particípios de (32): as possibilidades combinatórias com adverbiais temporais revelam, com efeito, que (35a) representa uma culminação, enquanto (35b) descreve um processo culminado.

- (35) a. A Maria casou-se * durante duas horas/? em duas horas/às 2 horas.
 b. Pinteí as paredes do meu quarto ? durante 2 horas/em duas horas/? às 2 horas.

Para dar conta das divergências entre (32) e (34) colocaremos a hipótese de que alguns Particípios Passados de eventos podem assumir um carácter plenamente adjectival, o que lhes permitiria comparecer tanto em estruturas que designam predicados de “estádio” quanto em construções que descrevem predicados de indivíduo. Casos como os de (34) ilustrariam esta classe. Outros Particípios, porém, manteriam inalteradas as suas propriedades verbais básicas, encontrando-se limitados, nessa medida, à co-ocorrência com estruturas compatíveis com o seu “perfil” aspectual de origem. Isto explicaria a inaceitabilidade de frases como as de (32) em que Particípios de eventos (predicados de “estádio”) se revelam de todo incompatíveis com estruturas envolvendo *ser* (predicados de indivíduo).

Uma abordagem como esta poderá parecer, a uma primeira vista, algo especulativa. No entanto, afigura-se-nos bastante plausível se tivermos em conta o comportamento de certos Particípios Passados irregulares. Observe-se o contraste entre (36-37) e (38-39):

- (36) a. Os testes estão corrigidos.
 b. Estes livros estão imprimidos.
 c. O cabelo da Maria está cortado.
 (37) a. * Os testes são corrigidos. (leitura predicativa)
 b. * Estes livros são imprimidos. (leitura predicativa)
 c. * O cabelo da Maria é cortado. (leitura predicativa)
 (38) a. As tuas atitudes estão correctas.
 b. Estes livros estão impressos.
 c. O cabelo da Maria está curto.

- (39) a. As tuas atitudes são correctas. (leitura predicativa)
 b. Estes livros são impressos (e não manuscritos). (leitura predicativa)
 c. O cabelo da Maria é curto. (leitura predicativa)

A observação destes dados leva-nos a sugerir que, enquanto os Particípios Passados regulares – que estarão mais próximos das formas verbais originais – se revelam sensíveis, em termos de possibilidades de ocorrência, à oposição entre *ser* e *estar*, compatibilizando-se apenas com contextos indutores de predicados de “estádio”, em conformidade com as propriedades aspectuais das situações de partida, as formas irregulares – mais distantes dos verbos básicos e, nesse sentido, mais aproximáveis de meros Adjectivos – surgem tanto com predicados de “estádio” quanto de indivíduo, variando a sua interpretação de acordo com a configuração em que se encontrem envolvidas (cf. secção 2).

5. Conclusão

Das observações que acabámos de efectuar podemos concluir que os diversos elementos que compõem as construções predicativas com *ser* e *estar* + Adj. se articulam em interacção dinâmica e inter-dependente. Com efeito, se é certo que alguns Adjectivos condicionam a escolha de *ser* ou de *estar*, não deixa, contudo, de ser verdade que, em muitos casos, a interpretação final da estrutura vai depender apenas do tipo de verbo seleccionado.

Referências

- Binnick, Robert (1991) *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Bosque, Ignacio (1999) El Sintagma Adjetival. Modificadores y Complementos del Adjetivo. Adjetivo y Participio. In Bosque & Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Rcal Academia Española, pp. 217-310.
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (orgs.) (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española.
- Brito, Ana Maria (2003) O sintagma adjectival. In Mateus, Maria Helena et al. (orgs.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 5ª Edição, revista e aumentada, pp. 370-391.
- Carlson, Greg (1977) A Unified Analysis of the English Bare Plural. In *Linguistics and Philosophy*. Vol. 1: pp. 413-456.
- Chierchia, Gennaro (1995) Individual-Level Predicates as Inherent Generics. In Carlson, G. & F. Pelletier (eds.) *The Generic Book*. Chicago: the University of Chicago Press, pp. 176-223.
- Costa, João (1998) L'Opposition Ser/Estar en Portugais. In Rouveret, A. (ed.) *Être et Avoir: Syntaxe, Sémantique, Typologie*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes.

- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Cunha, Luís Filipe (1998) *As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Demonte, Violeta (1999) El Adjetivo: Classes y Usos. La Posición del Adjetivo en el Sintagma Nominal. In Bosque & Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Real Academia Española, pp. 129-215.
- Kratzer, Angelika (1995) Stage-Level and Individual-Level Predicates. In Carlson, G. & F. Pelletier (eds.) *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 125-175.
- Mateus, Maria Helena et al. (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mateus, Maria Helena et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 5ª Edição, revista e aumentada.
- Smith, Carlota (1991) *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press.